Kafka: uma memória que ganhou vida*

CLÁUDIA PAVANI CARNEIRO**
SOLANGE DE ALMEIDA E SILVA**

1. Introdução; 2. Carta ao pai; 3. A metamorfose; 4. Um artista da fome; 5. A construção; 6. Conclusão.

Baseando-se em autores de diversas concepções psicanalíticas, o trabalho acentua a existência do material inconsciente e conexões deste na vida de um escritor e sua obra. Observou-se que nas obras de Kafka encontram-se sentimentos e apreensões com relação a sua família, seu trabalho e seus relacionamentos amorosos. Através dessas obras, buscou-se entender a forma como Kafka conseguiu se estruturar diante de seus relacionamentos primordiais e como se situava diante de sua dinâmica familiar. Conclui-se que escrever, para Kafka, foi uma maneira que encontrou para se relacionar com o mundo, mas que não foi suficiente para amainar seu sofrimento. Já a somatização de uma turberculose foi a defesa que permitiu escapar da depressão decorrente de sua necessidade de afeto.

1. Introdução

Há uma intensa curiosidade em saber de que fonte o escritor criativo retira seu material, e como consegue impressionar e despertar emoções no leitor, as quais talvez nem julgasse capaz de tê-las.

De acordo com Freud (1908), deve-se procurar na infância os primeiros traços da atividade imaginativa. Apesar de toda a emoção com que a criança catexiza seu mundo de brinquedo, normalmente ela o distingue da realidade, e gosta de ligar seus objetivos e situações às coisas visíveis do mundo real. Essa conexão é tudo o que diferencia o brincar infantil da fantasia.

O escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca. Cria um mundo de fantasias que ele leva muito a sério, isto é, no qual investe uma grande quantidade de emoção, enquanto mantém uma separação nítida entre o mesmo e a realidade.

O adulto geralmente envergonha-se de suas fantasias, escondendo-se das outras pessoas. Mas, segundo Freud (1908), existe uma classe de seres humanos a quem, não um Deus, mas uma deusa severa, a necessidade, delegou a tarefa de revelar aquilo de que sofrem e aquilo que lhes dá felicidade. Essas pessoas, para Freud (1908), são as vítimas de "doença nervosa", ou seja, os neuróticos.

* Artigo originado na monografia de conclusão do curso de formação em psicólogo da UFRJ, concluído em 20.12.88, sob orientação de M. L. Assumpção. (Apresentado à Redação em 13.7.89.)
** Alunas do 10º período do Instituto de Psicologia da UFRJ.

Freud (1908) diz que a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita o faz. As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória.

A atividade imaginativa do escritor se adapta a cada mudança de sua situação, recebendo de cada nova impressão ativa uma espécie de "carimbo de data de fabricação". Uma poderosa experiência no presente desperta no escritor uma lembrança de uma experiência anterior (geralmente de sua infância), da qual se origina então um desejo que encontra realização na obra criativa. A própria obra revela elementos da ocasião motivadora do presente e da lembrança antiga, podendo-se observar, portanto, conexões entre a vida do escritor e suas obras. Tentou-se fazer um estudo da relação entre algumas obras de Kafka e sua vida, utilizando-se quatro delas: *Carta ao pai, A metamorfose, Um artista da fome* e *A construção*. Escolheram-se tais obras por terem sido escritas em momentos críticos de sua vida. Suas obras foram analisadas paralelamente a seus dados biográficos, à luz da teoria psicanalítica.

2. Carta ao pai

Franz Kafka escreveu este livro em novembro de 1919, quando contava 36 anos de idade, cinco anos antes de falecer, a título de desafio, autojustificação e um pedido de compreensão, que ele sabia ser-lhe útil.

Kafka encontrava-se hospedado para tratamento de saúde ao norte de Praga. O pretexto imediato para elaboração da carta foi uma pergunta feita pouco antes por seu pai, que queria saber por que o filho afirmava ter medo dele. Mas o motivo principal parece ter sido o estremecimento da relação entre os dois, depois da tentativa de casamento de Kafka com Julie Wohryzeki.

Kafka era uma pessoa que se culpava por não ter atendido aos desejos do pai, já que este considerava que lhe dava tudo que lhe era necessário sem que Kafka tivesse que lutar por isso. Kafka, em vez de demonstrar simpatia e gratidão, se afastava do pai e geralmente apoiava idéias opostas às dele.

O comportamento de Kafka de oposição aos "desejos" do pai era justamente para impedir que se igualasse a ele, pessoa que, segundo Kafka, era bastante contraditória.

Kafka, apesar de se dizer impotente diante do pai, demonstra também grande sentimento de onipotência ao se considerar capaz de fazer a felicidade ou a infelicidade do mesmo – "você atravessou épocas diferentes, talvez fosse mais alegre antes que os filhos, em particular eu, o decepcionassem e o oprimissem em casa (se vinham estranhos você era outro)" (1986, p. 12).

Kafka se assustava com esse seu poder, se sentia culpado pelo que podia causar e da represália de seu pai. Sentia-se, assim, perseguido por este pai.

Kafka continuava sua carta dizendo: "Esse sentimento de nulidade que dominava deriva de sua influência. Eu teria precisado de um pouquinho de estímulo, de um pouco de abertura para meu caminho, mas ao invés disso você o obstruiu, certamente com boa intenção de que eu deveria seguir outro. Mas para isso eu não tinha condições" (1986, p. 15).

O pai de Kafka exigia dele um êxito que não significasse sua própria aniquilação, mensagem que ele recebe como algo paralisante. Como obter êxito, se não pode se identificar com o pai sem o destruir. "Você não queria isso, pois graças justamente a seus esforços a situação era outra, não havia chances para alguém se distinguir como você o tinha feito" (Lacan, 1987).

A família de Kafka possuía uma estrutura frágil e primitiva, que incentivava a oralidade, traço este muito marcante em suas obras. Não desenvolviam a comunicação, o afeto está ligado à comida-oralidade. "Primeiro coma, depois fale" (1986, p. 20).

"(...) desaprendi a falar (...) logo cedo você me interditou a palavra, sua ameaça: 'Nenhuma palavra de constestação' e a mão erguida no ato me acompanhavam sempre" (1986, p. 22).

Apesar disso Kafka continuou falando em seus livros para o pai, embora isto não tenha sido suficiente.

Kafka se sentia tão pouco amado que o pouco de afeto que existia dentro dele "resolveu" guardar para si, investia em si próprio e se fechou para o mundo, fazendo da literatura a forma de se ligar com o mundo externo.

Portanto, Kafka não se preocupava com as coisas à sua volta, mantinha-se indiferente, vivendo na fantasia que servia de proteção contra o desgaste dos nervos provocado pelo medo e pela consciência de culpa. Ele só se preocupara consigo próprio, com sua saúde, de uma forma hipocondríaca.

A autoflagelação é uma forma pouco incomum de masturbação. Mas a autodepreciação, fosse ou não inconscientemente gratificante, atendia a uma finalidade claramente defensiva, retirava-o da competição, colocava-o fora do alcance do perigo e lhe permitia desaparecer no momento crucial do confronto.

Kafka esteve noivo três vezes e duas vezes de Felice, noivados febris e plenos de angústia, rompidos em grande parte por causa de suas apreensões. "Eu sou mentalmente incapaz de me casar" (1986, p. 63). Sobre sua doença ele descarregou a angústia pela vida.

No último plano de casamento, o pai de Kafka ridicularizou sua idéia, dando-lhe um sentido pejorativo. Ofereceu-se para ajudá-lo, caso ele tivesse medo, não sendo necessário assim casar para ter relações com mulheres. O pai de Kafka mais uma vez desvalorizava as suas escolhas e suas idéias próprias, sempre encarando como se fossem um erro, pois Kafka para ele não tinha condições de escolher.

O casamento, para Kafka, dizia respeito à relação dele com o pai; de um lado significava a autoliberação e independência, seria o máximo que alguém podia alcançar e foi o máximo que seu pai alcançou, mas, por outro lado, significava que ele seria igual, ou superior, ao pai, e ele não poderia ser tanto assim, diante de seu autodesprezo. Kafka acreditava que, se tentasse casar, seria punido com a loucura.

3. A metamorfose

Neste livro Kafka fala da história de um caixeiro viajante que um dia acorda e percebe que está metamorfoseando-se em um inseto monstruoso, que se torna um estorvo, um incômodo que a família a princípio tenta negar e do qual depois deseja livrar-se.

Aqui ele mostra sua situação familiar de forma caricata e exagerada, mas talvez da forma como ele se sentia dentro dela. Um bicho repugnante que causava nojo e que deveria ser banido para que a família voltasse a ser feliz, sendo suportado apenas pelo laço familiar que os ligava.

Em *A metamorfose*, Kafka fala de seu chefe como uma figura despótica, autoritária e insensível. Trata-se, aqui, de um deslocamento da personalidade de seu pai para esse chefe, assim como para outras figuras de autoridade. Transferindo para este também seus sentimentos de medo e inferioridade, mantidos pelo pai.

O pai-chefe e o pai-pai de *A metamorfose* fala das duas facetas do pai de Kaf-

ka, um pai forte, exigente, autoritário e que cobrava de Kafka um sucesso na vida como o que ele conseguiu, partindo do nada, mas que, ao mesmo tempo, o impedia de realizá-lo. Não permitia de forma alguma que o filho se identificasse; através de uma linguagem de duplo vínculo, onde se encontra, basicamente, uma desqualificação por *status*, ou seja, o pai sempre desqualifica o filho por sua própria condição de filho e dependente.

Seu pai atuava dessa forma porque precisava do fracasso do filho para sentir-se forte. Isso fala da outra faceta de seu pai, que se sentia fraco e se autodesvalorizava, e que por isso via o crescimento do filho como uma competição, na qual se sentia fadado a perder. Precisava, portanto, diminuir o filho a fim de manter a sua superioridade.

No livro, o pai só se torna uma pessoa ativa quando aparece como figura punidora. Ele sentia muita raiva de Gregor (personagem principal de *A metamorfose*), mas se sentiria também culpado se o punisse sem um pretenso motivo. Então, encontra motivos para o punir: "Ah ! exclamou logo na entrada, num tom de quem está ao mesmo tempo furioso e contente."

Assim era a dinâmica familiar na qual Kafka se sustentava. Nesta família, as pessoas não tinham os seus lugares preservados, ao contrário, se sentiam ameaçadas demais umas com as outras. Parecia necessário que um saísse para que o outro pudesse entrar. E Kafka se sentia sempre expulso.

Como conta Kafka em seu livro; foi apenas após a morte de Gregor que o Sr. Samsa (pai de Gregor) pôde sentir-se realmente dono da casa, capaz de tomar decisões e sustentar a família.

Assim como Gregor desejava libertar-se do patrão, mas sentia-se impossibilitado pela dívida que tinha com este, dívida na realidade feita por seu pai, Kafka em sua vida também queria libertar-se da influência de seu pai, mas era impedido pela dívida afetiva que mantinha com este. Queria dar afeto, mas temia o vazio afetivo em que poderia ficar; não poderia dar o que não recebia.

Na época em que escreveu *A metamorfose*, Kafka estava fazendo um regime vegetariano para tentar melhorar suas complicações gástricas. E o tipo de alimentação que começou a fazer era de certa forma repugnante para uma família judia que tinha hábitos alimentares próprios. Então Kafka começou a se alimentar em seu quarto, isolado da família, lembrando o inseto que ficava trancado em seu quarto e que se alimentava de restos de alimentos já apodrecidos e estragados. Fala-se aqui do afeto como alimento e como ele devia se sentir, uma vez que o que ele dava não era aceito e o que lhe davam eram restos, exigências, críticas e não afeto. O "alimento almejado e desconhecido" era para ele o afeto e o amor que desejava receber e dar.

Ao ver a metamorfose do filho, a mãe reage como se sentisse nojo, medo e repulsa. Exclama atemorizada: "Socorro, pelo amor de Deus, socorro!" O pai o enxota para o quarto como se quisesse livrar-se dele, escondê-lo. Nesse momento, tanto o pai quanto a mãe não consideram os laços afetivos entre eles e o filho. O filho era apenas um monstro que os atemorizava e, portanto, precisava ser banido.

Cinco anos depois, Kafka rompe seu romance com Felice porque ele levaria ao casamento, o que seria insustentável para ele. Rompe também a relação simbiótica dos dois. De acordo com Bleger (1977) a simbiose é "muda". Só aparece sintomatologia claramente notória quando de sua ruptura. Um desses fenômenos é a atuação do corpo como *buffer*, ou seja, o corpo funciona como o depositário de toda a ansiedade, dando margem assim ao aparecimento de doenças. "A minha tuberculose foi resultado da minha tentativa de casamento" (1986, p. 52).

4. Um artista da fome

Em seu livro *Um artista da fome*, Kafka fala de um jejuador que vive em uma jaula e que em certa época chama a atenção das pessoas para o espetáculo do jejum, mas que vai perdendo seu prestígio e acaba esquecido em sua jaula, morrendo de fome e de sede. Diz, antes de morrer, que só jejuava porque nunca lhe haviam dado o alimento que tanto desejava.

O jejum é a carência afetiva a que Kafka estava submetido desde a infância, pela ausência da mãe e do pai, que se dedicavam um ao outro e ao trabalho e pouco se dedicavam a ele.

No jejuador, Kafka se mostra ativo nesta carência, na sua forma mais primitiva, regredida e de dependência, onde o amor vem em forma de alimento.

No mal-estar do desmame, a fonte do desejo de morte, pode ser reconhecido o masoquismo primário onde ele assume os primeiros atos do jogo, ou seja, a reprodução desse mal-estar. Kafka o inflige de novo a si mesmo, tal como ele o sofreu mas do qual ele triunfa, agora que é ativo em sua reprodução.

Na época em que escreveu este livro, ele estava muito magro, enfraquecido e debilitado pela tuberculose que já se encontrava bem adiantada, porém, como ele mesmo dizia: "Não creio que essa doença seja tuberculose, ou pelo menos, não primordialmente tuberculose, e sim a minha falência geral."[1] Talvez este estado geral e o fato de ter ido se tratar em uma estação montanhosa, onde ficou de certa forma isolado, o tenham feito reviver, através da literatura, a insegurança do desmame e da falta a que estava submetido.

Talvez tenha sido dessa forma que Kafka pôde explicar seu sentimento primitivo de abandono, quando do nascimento de suas irmãs. Kafka deve ter-se perguntado o que teria de errado para que a mãe preferisse as filhas.

Na mãe, percebe-se um sentimento ambíguo com relação a Gregor. Ela queria e, ao mesmo tempo, não queria vê-lo. É impedida pelo marido e pela filha e cede a essa interdição. Na realidade, não queria, pois quando o vê desmaia.

Kafka reclama porque a mãe não fica a seu lado, e pelo fato de sempre fazer aliança com o pai. O que desejava era que a mãe se posicionasse contra o pai numa aliança com ele. Mas ela nunca preenchia essa falta, esse desejo.

Numa análise superficial da mãe de Kafka, poder-se-ia incorrer no erro de considerá-la como uma mulher frágil, inteiramente submetida ao poder do pai. Porém, analisando profundamente, percebe-se essa mãe como extremamente manipuladora. A imagem que ela passa a Kafka é a de um pai ambíguo: forte e fraco. E é com esta imagem ambígua que Kafka tenta se identificar.

A mãe de Kafka não permitia ao pai entrar em sua relação com o filho, não conferia poder a este para tal; ao contrário, era ela o ponto de ligação entre os dois, ou seja, a relação dos dois (pai e filho) passava sempre por ela, não como um mediador, mas como elemento fundamental sem o qual a relação não ocorreria. Preserva intacta, assim, tanto sua simbiose com o filho quanto com o pai. Relações fechadas que não permitiam intrusos e, mais do que isso, negando a existência do terceiro (filho ou pai). A única presença constante era a da mãe. Isso é explicado pelo próprio Kafka, ao se referir à forma como ele e o pai se comunicavam através da mãe.

Em 1912, Kafka começou a cortejar Felice Bauer por cartas e *A metamorfose* foi resultado dessa perspectiva de romance. Com o início do romance, inicia-se

[1] In: Carta a Felice, 30.9.17.

também uma relação simbiótica como deslocamento da simbiose estabelecida com sua mãe.

Kafka sentia que, por mais que sofresse, ninguém o compreendia. Só se compadeciam de uma doença que na verdade não era física e sim psíquica, assim como tinham pena do jejuador por sua melancolia que achavam derivar-se da fome, o que ele sabia que não era, sua fome não era alimentar, era afetiva.

Ele escreveu o livro um ano antes de morrer, antecipando o que iria acontecer pouco depois, pois ele morreu de fome e de sede.

Em um trecho de seu livro ele fala de alguns vigias que se revezavam para impedir que ele se alimentasse por algum método oculto. Ao mesmo tempo, diz preferir os vigilantes mais atentos e controladores àqueles displicentes que queriam lhe dar oportunidade de se alimentar.

Aqui, ele fala da rigidez de seu superego e do controle deste sobre seu ego. Esses vigilantes aparecem como instâncias críticas e observadoras como projeção de seu superego rígido. Parece que a oportunidade de ter uma satisfação lhe traz muita culpa e sofrimento, então ele não consegue relaxar e o faz sentir prazer na renúncia do prazer instintivo. O que aparece no texto como ele sentindo prazer em jejuar.

Observa-se em sua biografia que, no momento em que pensa em se casar com Felice, começa a ter insônia e muitas dores de cabeça, que só melhoram quando ele tem seu primeiro ataque de tuberculose e se esvai em sangue e sente que vai morrer. Isto faz pensar na proibição do incesto e no tema da lei e a possibilidade do desejo.

O desejo de Kafka por sua mãe foi drasticamente interditado por seu pai quando Kafka tinha quatro anos. Uma noite ficou choramingando em seu quarto pedindo água e chamando por sua mãe. Como ele não parava de chorar e de chamar pela mãe, seu pai foi até seu quarto, o pegou e o levou até a varanda, trancando-o do lado de fora. Isto o fez sentir a castração de uma forma muito concreta e destrutiva, fazendo com que seu superego se tornasse uma instância extremamente despótica e severa.

Os homens não tinham espaço na família de Kafka, pois, enquanto tais, competiam com seu pai (que se sentia ameaçado de perder seu lugar). Kafka teve dois irmãos que faleceram bem jovens, antes do nascimento de suas duas irmãs. Tal fato deve ter despertado nele um grande medo de destruição que, com o nascimento das irmãs, deve ter se amainado.

Kafka termina seu livro dizendo que "(...) na jaula preservam uma jovem pantera. Era um alívio sensível até para o sentido mais embotado ver aquela fera dando voltas na jaula tanto tempo vazia. Nada lhe falta" (1984, p. 35).

A pantera e as irmãs trouxeram vida e amor à casa que há muito tempo se encontrava vazia. As mulheres podiam receber condições para a vida, pois não competiam com o pai.

5. A construção

Em 1923, ano em que escreve *A construção,* Kafka encontra uma jovem judia: Dora Dymont. Eles se apaixonam e em um mês ele se instala com ela em um sobrado em Berlim, fora do alcance dos tentáculos de Praga e do lar. Jamais, até então, conseguira viver sem sua mãe, suas irmãs e seu pai.

Seu relacionamento com Dora passa por uma relação dessexualizada onde eles se tratam como irmãos ou filhos. Era como se ele tivesse desistido de ter uma mulher.

A união dos dois funcionou como um pacto doentio, onde um não ameaçava o outro, isto é, assim como Kafka, Dora também tinha dificuldade no âmbito sexual, caso contrário, não se submeteria a tal relação. Dora via em Kafka alguém que lhe permitia e incentivava sua posição ativa na relação, enquanto ele podia manter-se em sua posição passiva.

Em seu livro *A construção,* Kafka já não se utiliza da ironia masoquista encontrada em *A metamorfose* e em *Um artista da fome*. Deixa aqui a sátira de si mesmo e não procura mais se espelhar dentro da visão da humilhação e derrotas extremas. Mas há aqui também uma simples metáfora dos mecanismos delirantes em defesa do eu, onde a exigência da invulnerabilidade vai ter um sistema defensivo, que se transforma em objeto de cuidado permanente.

Talvez o motivo pelo qual Kafka tenha podido libertar-se desse sentimento de humilhação e derrotas extremas seja decorrente do sofrimento diante de sua doença e a iminência de sua morte, satisfazendo assim um sentimento inconsciente de culpa no qual o que importa é o sofrimento de si e não uma forma específica de adoecer.

Após as tentativas frustradas na busca de uma completude, tanto com o casamento como com a literatura, Kafka acaba por desenvolver uma doença, a tuberculose, que o leva à morte.

Ao final de sua vida, Kafka entra num processo de desinvestimento e empobrecimento do eu, numa função desobjetalizante, voltando sua libido para si.

"Esta praça do castelo é o resultado do esforço mais sacrificado de todas as partes do meu físico (...) Para essa obra eu dispunha apenas da testa. Com a testa, então, corri de encontro à terra durante dias e noites, milhares de vezes, e fiquei feliz quando o sangue jorrou, pois era uma prova de início da solidificação da parede, e desse modo, como é preciso me conceder, fiquei merecendo minha praça."[2]

Aqui Kafka parece falar de sua própria doença, que é o resultado de todo o sofrimento pelo qual vinha passando. É como se a tuberculose tivesse vindo em socorro a tanta dor e, quando jorrou o sangue de seus pulmões, suas dores de cabeça, sua insônia e sua depressão se amainaram, deixando-o dormir em paz.

A literatura era a única coisa que ele conservava para reagir a este estado de coisas. No início ele tentou salvar-se a si próprio da única maneira que conhecia: escrevendo. Mas mesmo sua escrita não era o suficiente, ao contrário, esta também passou a ser um meio de isolar-se (função desobjetalizante da escrita).

Kafka tentou em sua construção buscar a segurança e o conforto do seio materno. Escrever para ele era um representante desse estado de coisas. A literatura funciona como sua grande mãe, de quem ele precisava para continuar vivendo.

A construção, para Kafka, representa a forma pela qual ele conseguiu estruturar-se internamente, sentir-se mais firme. E a todo tempo surge em sua mente o medo de um ataque que o desestruture, que lhe tire aquilo que conseguiu, isto é, a sua neurose, a forma como ele pode viver. E, por fim, que o destruiu.

Pensa então em todos os pontos fracos de sua obra, em especial a entrada, que é também a saída. E vive a atemorizante fantasia de um ataque devastador.

Kafka sente a necessidade de uma construção indevassável, na qual ele pudesse sentir-se seguro, em seu isolamento impenetrável, impedindo, assim, a entrada, ou seja, a introjeção que lhe tiraria a qualidade, lhe traria dúvidas e conflitos. Procura uma forma de manter-se desligado do mundo externo, mergulhado intensa e uni-

[2] In: *A construção*, p. 67.

camente em doença. Constrói seus muros e paredes que o mantêm protegido da realidade exterior.

"É como se eu estivesse dormindo um sono longo e profundo no momento em que entrei na construção."[3] Aqui Kafka também fala de seu isolamento, e, mais do que isso, nesse momento ele parece falar da morte. Talvez porque esta seja iminente no momento em que escreve *A construção*. É como se ele quisesse preparar-se para ela e ao mesmo tempo, de alguma forma, controlá-la, infrigindo-a a si próprio antecipadamente.

Essa construção criada por Kafka para dar-lhe sossego e segurança é a mesma que lhe traz conflitos e desassossego internos. "E não são apenas os inimigos que me ameaçam. Existem também os que vivem dentro do chão. Aqui não importa que se esteja na própria casa, pois o fato é que se está na casa deles."[4]

É como se para Kafka não existisse saída, em todo o lugar, de qualquer modo, não se sente seguro, será sempre perseguido; perseguido pela fantasia que faz de seu pai.

A saída está na morte. Porém, não em uma morte comum. Tem de ser construída e elaborada de forma bastante minuciosa. Kafka precisava de uma construção que lhe trouxesse muito sofrimento e conflito, que lhe privasse da satisfação de seus desejos para poder encontrar uma satisfação maior na vivência de si como herói.

6. Conclusão

Alguns pontos serão esclarecidos agora a respeito de Kafka, sua família e a de seu pai.

O avô de Kafka, Jacob Kafka, nascido em 1814, era o segundo de nove filhos e, segundo as leis vigentes, não tinha permissão de casar-se. Um decreto de 1789, promulgado para deter o crescimento da população judaica, impedia que qualquer dos filhos de pais judeus, com exceção do mais velho, obtivesse uma licença de casamento, e Jakob tinha um meio-irmão que era um ano mais velho. O que o salvou de morrer sem uma prole legítima foi a morte do irmão e a nova Constituição que garantiu aos judeus o direito de casar-se, estabelecer-se nas cidades e ingressar no comércio e nas profissões liberais. Mas tudo que importou para Jakob, em 1848, foi que ele pôde finalmente casar-se, o que ele fez de imediato.

Isto parece que ficou marcado na geração de Kafka como um mito familiar, o peso de uma morte para que se pudesse realizar um desejo e continuar existindo.

Mesmo que o pai de Kafka não tivesse consciência disto, ele deve ter passado isto para o filho, pois ele era o segundo filho da prole de seu pai, e, se não houvesse a constituição, teria que esperar a morte de seu irmão para poder casar-se, portanto, carregava consigo a culpa pelo desejo da morte do primogênito de seu pai.

Com a morte de seus irmãos, Kafka deve ter se sentido culpado, como se os tivesse assassinado magicamente e com muito medo de sua destrutividade.

De acordo com Lacan (1984), os primeiros rivais das crianças são os irmãos. Ele deve ter querido vê-los longe, o que, por infelicidade, ocorreu, obviamente não por seu desejo, mas ele com toda sua onipotência infantil deve ter sentido que sim.

Como iria Kafka, então, competir com seu pai? Se ele era tão destrutivo, poderia destruir o pai, portanto, o melhor era não competir e projetar sobre este sua

[3] Id. ibid.
[4] Id. ibid.

destrutividade, fazendo-a incidir sobre si próprio.

Nesta família se delega ao filho um lugar aparente de genialidade, cumprindo o desejo de seu pai de que ele deseja o melhor, o primeiro. Na verdade, este pai o induz ao lugar da própria anulação como ser autônomo, pelo perigo que implica para si a concretização em seu filho de um êxito.

No desejo inconsciente de Kafka pela morte, sua intenção ao se aniquilar é salvar imaginariamente o pai. A neurose de Kafka salva a integridade do pai.

Essa família funciona segundo o princípio básico que tem a ver com a ameaça que pende sobre o pai se o filho triunfar.

Para atender ao desejo do pai, de genialidade e aniquilação, Kafka em seus livros se coloca como o protagonista, mas que é marcado ou por ser repugnante, um inseto monstruoso (*A metamorfose),* ou impotente como o rei do jejum (*Um artista da fome).* Porém, ao fim de sua vida, quando escreve *A construção,* busca ser um herói, mas um herói que vai morrer. Talvez aí ele se permitisse ser um herói pleno, pois expiaria sua culpa através da morte.

Abstract

Based on authors of many psicanalitic conceptions, this work emphasizes the existence of unconscious materials and conexions of writer's life and his work. In Kafka's work can be found feelings and apprehensions for his family, his work and lover relationships. Throughout of his, it was tried to understand the way by that Kafka managed his structure before his original relationships and his place in front of his familiar dinamics. The conclusion was that, write, to Kafka, was the only way found to become acquainted with the world but it was not enough to alliviate his suffering; and the tuberculosis was the defense that permited his to escape of depression, caused by his necessity of affection.

Referências bibliográficas

Bick, Esther. *A experiência da pele nas primeiras relações objetais.*

Bleger, José. *Simbiose e ambigüidade.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

Bowlby, John. *Apego.* São Paulo, Martins Fontes, 1984.

Fairbain, W. R. D. *Estudos psicanalíticos de personalidade.* Rio de Janeiro, Interamericana, 1980.

Fenichel, Otto. *Teoria psicanalítica das neuroses.* Rio de Janeiro, Atheneu, 1981.

Freud, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969. v. 18.

——. Escritores criativos e devaneio (1908). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969*b*. v. 9.

——. O ego e o id (1923). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969*c*. v. 19.

——. O estranho (1919). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969*d*. v. 17.

——. O problema econômico do masoquismo (1924). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969*e*. v. 19.

——. Psicologia de grupo e análise do ego (1921). *Edição standard brasileira.* Rio de Janeiro, Imago, 1969*f*. v. 18.

——. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (1910). *Edição standard brasileira*. Rio de Janeiro, Imago, 1969*g*. v. 11.

Haynal, A. *A medicina psicossomática.* São Paulo, Masson, 1983.

Kafka, Franz. *A metamorfose.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

——. *Um artista da fome.* São Paulo, Brasiliense, 1984.

——. *Carta ao pai.* São Paulo, Brasiliense, 1986.

——. Konblit. Pontuações semânticas em el análisis de las relaciones familiares. *Revista Argentina de Psicologia,* Buenos Aires, 1980.

Lacan, Jacques. *Os complexos familiares.* Rio de Janeiro, Zahar, 1984.

——. *O mito individual do neurótico.* Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.

Pawell, Ernest. *O pesadelo da razão:* Uma bibliografia de Kafka, Rio de Janeiro, Imago, 1986.

Roth, Philip. Regard sur Kafka. *Tel Quel,* (2), été 1975.

Segal, H. *Introdução à obra de Melanie Klein.* Rio de Janeiro, Imago, 1975.